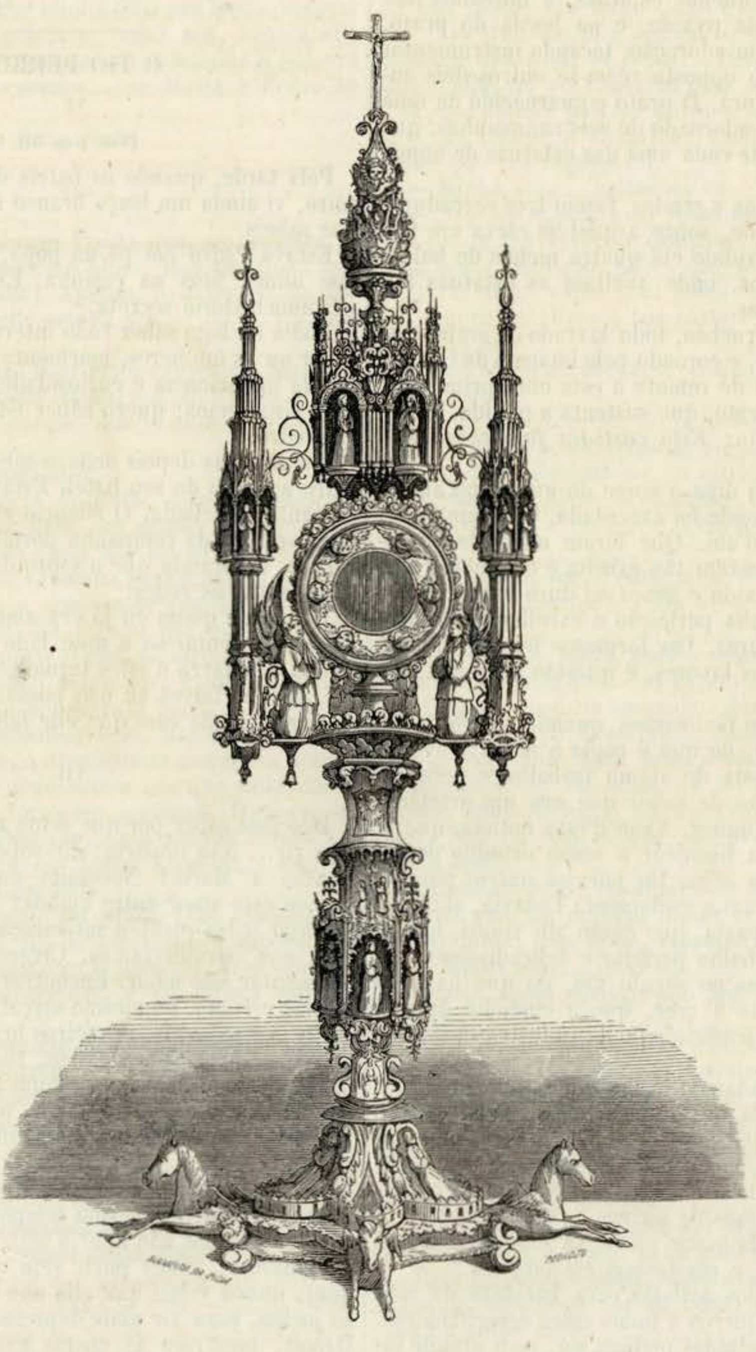


Custodia rica da Collegiada de Guimarães — Desenho de Nogueira da Silva, segundo um esboço de Legrand — Gravura de Pedroso

O magnifico thesoiro d'esta collegiada possue diversas custodias de bastante apreço. Porém, aquella de que damos copia n'este numero é a mais valiosa, e de maior primor artistico.

Esta curiosissima peça é de prata doirada. Deu-a á collegiada o conego Gonçalo Annes, ou, como então se dizia, Gonçaleanes, no anno de 1534. Pésa 25 marcos e duas oitavas, e tem de altura noventa e cinco centimetros, ou quatro palmos e duas pollegadas; e quasi a mesma medida de circunferencia na base, incluindo as figuras em que descança.

Por uma singular anomalia, muito usada pelos artistas até ao seculo xvi, estas figuras são dois griphos, e duas esphinges, e nos intervallos quatro garras de aguia, empolgando quatro bolas. Por menos perfeição, n'esta parte do desenho original, feito á vista dá custodia, ficaram as ditas figuras, na gravura junta, sem representar com exactidão aquelles monstros fabulosos.

Eleva-se a base em tres degraus, a modo de throno. No ultimo estão esculpidas, em meio relevo, as imagens de Nossa Senhora com o Menino Jesus nos braços, Santa Isabel, seu filho S. João Baptista, e S. Pedro.

D'esta base, ou peanha, ergue-se o tronco, lavrado em mui variados feitios, tendo a meia altura seis

nichos com estatuas de santos, debaixo de baldaquinos delicadamente arrendados.

Este tronco sustenta um como prato oblongo, do centro do qual se levanta a pyxide entre dois pilares compostos de delgadas columnas, e rematando em nichos com pequenas estatuas, e floreados baldaquinos. Junto da pyxide, e na borda do prato, estão dois anjos em adoração, tocando instrumentos de vento. No lado opposto vêem-se outros dois anjos em egual postura. O prato é guarnecido de uma brincada renda, e adornado de seis campainhas, que pendem da base de cada uma das estatuas de anjos, e dos dois pilares.

Serafins, silvados e rendas, fazem tres cercaduras em volta da pyxide, sobre a qual se eleva um formoso pavilhão dividido em quatro nichos de baldaquinos rendilhados, onde avultam as estatuas dos quatro evangelistas.

Um elegante coruchéo, todo lavrado de arabescos, flores e cherubins, e coroado pela imagem de Christo crucificado, serve de remate a esta obra primorosa.

Por baixo do prato, que sustenta a pyxide, lê-se a seguinte inscripção: *Esta custodia foi acabada na era de* 1534.

Pena é que não diga o nome do auctor ou auctores, e o da terra onde foi executada, pois que muita gloria lhe viria d'ahi. Que foram mãos de portuguezes que delinearam tão esbelta e engenhosa traça, e que deram vida e graça ao duro metal, esculpindo com tamanha perfeição e excellencia de arte tão graciosas figuras, tão formosos feitios, tão exquisitos e variados lavores, é questão para nós fóra de toda a duvida.

Achando-nos em Guimarães, quando se tirou o desenho da custodia, de que é copia a nossa gravura, alcançámos, á custa de algum trabalho e perseverança, a satisfação de saber que era um artefacto inteiramente portuguez. Além d'esta noticia, que já não é pouco para lisonjear o nosso orgulho nacional, não podémos achar luz para os outros pontos, que tanto desejavamos esclarecer. Todavia, algumas outras peças de prata, que então alli vimos, egualmente de um trabalho perfeito e delicadissimo, feitas em Guimarães no seculo XVI, do que ha boas provas, levam-nos a crer, que a custodia de que tratâmos foi fabricada n'aquella industriosa povoação.

Para maior fundamento d'esta nossa presumpção, adduziremos ainda outra razão mais plausivel: e é que uma das industrias mais adiantadas e florescentes de Guimarães, nos seculos passados, e na epocha presente, tem sido e é a oirivesaria. Conta essa cidade muitas officinas de oirives de oiro e prata, cujos productos, pela maior parte, se vendem no Porto em segunda mão, e em Lisboa em terceira.

A habilidade dos artistas, e a barateza da mão de obra offerece lucros a todos esses especuladores. E muito mais avultados podiam ser, com grande interesse e honra do paiz, se estes ultimos se soubessem aproveitar bem d'aquellas circunstancias, empregando-as em obras de gosto e de grande execução, que nos paizes estrangeiros se pagam por bom preço.

Os oirives de Guimarães não sobresáem na invenção de obras de gosto, como acontece em geral, por diversas razões, a todos os nossos artistas; mas imitam com admiravel propriedade e perfeição.

Se o nosso alvitre não servir, sirva ao menos a estampa que publicâmos, e esta succinta noticia, para mostrar o que fomos, e o que podêmos tornar a ser, aos que não crêem nos progressos que outr'ora fizemos nas artes, e que desdenham dos nossos esforços artisticos na actualidade. A estes diremos que Portugal, quando tomou o passo a todas as nações no caminho da civilisação, devassando mares ignotos, descobrindo novas regiões, levando a todos os extremos do globo a luz do evangelho, e as quinas de Affonso Henriques, brilhou simultaneamente nas armas, nas letras, e nas artes.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O TIO PEDRO

VI

(Vid. pag. 34)

Pela tarde, quando os bateis deixavam o ancoradoiro, vi ainda um lenço branco fluctuando á janella que sabeis.

Estava Pedro em pé na popa, com os olhos mais que nunca fitos na casinha. Evidentemente havia alli uma historia secreta.

Podia eu logo saber tudo interrogando algum pescador ou as mulheres, mórmente Cesarina; mas apesar da impaciencia e curiosidade, disse para mim:

— Esperemos; quero saber isto da propria bocca de Pedro.

Quinze dias depois achava-me com o meu hospedeiro a bordo do seu batel. Estava a noite esplendidamente estrellada. O silencio era profundo, o mar immovel. Os da companha dormiam debaixo do encerado, esperando que o sopro da briza lhes permittisse lançar as redes.

Pedro, de quem eu já era amigo, vigiava. A meu rogo veiu sentar-se a meu lado sobre uma véla, e tomou a palavra n'estes termos, ou outros similhantes, porque talvez eu não possa conservar o aroma da simplicidade com que elle fallou.

VII

Desejaes saber por que estou triste?... Talvez vos faça rir... Não importa; dir-vol-o-hei.

Amo a Maria! Necessito eu dizer-vos? Como nasceu este amor entre ambos? Foi Deus que desde o berço nol-o plantou no coração. Eramos crianças e já nos estremeciamos. Crescendo, não fez senão augmentar este amor. Encontravamo-nos sempre, na mesma estrada, no mesmo sarçal, na mesma vaga!... Primeiras palavras, primeiros brinquedos, primeiras lagrimas, primeiros sorrisos, tudo em nós foi commum. Quando ficavamos algum tempo pensativos, e um de nós se decidia a fallar, o outro acudia logo: Ah! bem sei! Acreditaria que tinhamos o mesmo espirito, a mesma alma; ha velhos na aldeia que o tem dito muitas vezes. Tomámos a primeira communhão no mesmo dia, ao mesmo tempo, lado a lado; vêde se tudo isto nos não ligaria mais? Quando principiei a embarcar, nunca parti sem que ella rezasse por mim; nunca voltei que ella não entrasse no mar até ao joelho, para vir mais depressa ao meu encontro. Depois, tomava-a ás costas para a pôr em terra, e acompanhava-a a casa. Oh! como a nossa infancia era feliz! Meu Deus, porque não haviamos de ficar sempre n'aquella edade?

De inverno sempre lado a lado ao serão, na primavera aos morangos, á ceifa no verão, no outono ás avellãs! E nos dias de baile! Que alegres valsas dançavamos, Mariquinhas e eu! Que deliciosos passeios a través dos campos alumiados pelo luar! Que risonhas promessas do futuro, que esperanças do paraiso! Que bellos sonhos!

Chegou a idade do matrimonio. Nenhum de nós em tal havia pensado. A fé que não. Não tinhamos pressa, porque eramos felizes assim. Mas os outros pensaram por nós, e sobretudo o nosso prior.

Vamos! diziamos nós, Maria e eu. Mas para que?... nós não nos podêmos amar mais!

Entretanto a coisa tinha suas difficuldades. A mãe de Maria era rica; eu não, e de mais a mais orphão. Cesario, meu irmão mais velho, é que me tinha criado. Que grande coração aquelle! Foi elle, mais o senhor prior, que abertamente fallaram em casamento na presença da mãe de Maria.

— Tinha jurado que minha filha não havia de casar senão com um proprietario como nós, acudiu ella logo; mas como quereis que eu mantenha a palavra que dei aos meus escudos... se Maria e Pedro se amam tanto?

E a boa da velha tinha razão.

VIII

A esta ultima phrase Pedro deu um suspiro, e vieram-lhe as lagrimas aos olhos. Mas elle tinha animo, o meu pescador! Apenas tive tempo de lhe apertar a mão, já elle estava senhor de si, e continuou.

— Imaginae se não ficariamos contentes, Mariquinhas e eu, depois meu irmão, e d'ahi o cura, e a final toda a aldeia, porque nós eramos queridos de todos.

Quem ama é bemquisto.

Houve uma especie de festa, e logo depois seriam os desposorios. Bello dia aquelle, na verdade!

Era dia de semana, mas não fui ao mar. Cesario quiz fazer o mesmo, Cesarina porém exigiu que elle fosse; houve quem a censurasse por isso, dizendo que o trabalho em dia festivo era mal agoirado. Foi uma teima da parte d'ella. Cesarina era mãe... tinha dois filhos ainda pequenos; e antes de tudo era mister tratar do pão para a bocca.

Comtudo o dia passou-se bem. Mas de tarde o ceo cobriu-se de nuvens. A atmosphera ameaçava borrasca; porém nós não pensavamos nos que andavam no mar! A felicidade torna-nos egoistas. Dançava-se. De repente um relampago... um grande trovão... e depois gritos: «Deu um barco á costa!... está em perigo o batel de Cesario!»

Achava-me eu então na praia. Que tempestade! Não havia memoria alli de similhante temporal. Fiz tudo o que era humanamente possivel. Tres vezes me lancei ás vagas enfurecidas, e na ultima estive a ponto de lá ficar.

Tiram-me sem sentidos, como morto. Mas não era eu que havia de morrer; era Cesario!

Quando dei accordo de mim, estava elle ensanguentado entre os rochedos, e com vida apenas para me dizer:

— Pedro, sê o irmão de minha mulher, sê o pae de meus filhos!

— Juro-t'o, lhe respondi eu.

Ao menos pôde morrer descançado...

IX

Deveis comprehender que este acontecimento suspendeu os preparativos do casamento.

Voltando a casa, abracei os filhos de meu irmão... meus filhos. Tinha dado a mão a Cesarina. Era como se nos tivessemos recebido á face da egreja.

Assim decorreram seis mezes. Começou-se a fallar de novo no meu casamento. Mas... não sei porque, certamente por um presentimento secreto, não me atrevi a fallar n'isto a Cesarina, nem á mãe de Maria. Foi ella quem um dia me disse primeiramente:

— Adoptastes os filhos de vosso irmão?

— É verdade.

— E tambem sua mulher?

— Sim, mãe, tambem sua mulher.

— Para sempre?

— Para sempre.

— E tencionaes não os deixar nunca?

— Assim o jurei a meu irmão moribundo.

Emmudeci com o coração opprimido.

— Ouve, Pedro, replicou a velha. Não me opponho a que dês á viuva e aos orphãos um quinhão da tua pesca, tão largo como o teu generoso coração. Vês que me não domina o interesse. Mas eu conheço Cesarina; vê bem!... Deixar ir Maria para casa d'ella, ou vir Cesarina para aqui... isso nunca!

A esta ultima palavra abriu-se um abysmo. Tambem eu conhecia Cesarina; tambem comprehendi então que era impossivel.

— Minha mãe... balbuciei eu.

— Não me opponho ao vosso casamento, replicou ella com a gravidade de camponeza velha. Prescrevo uma unica condição: sabes que só tenho uma unica palavra, assim como uma unica vontade.

Cumpre decidires a tua sorte e a de minha filha, concluiu ella.

— Levantei a cabeça, e vi que Maria me olhava fitamente.

Era mister perjurar, ou perdel-a para sempre!

Não comprehendo como se possa sobreviver a momentos taes. Zuniam-me os ouvidos como na febre mais violenta; divisava chammas vermelhas e azuladas. Abafava; a cabeça e o coração pareciam estalar-me.

— Responde-me, Pedro, disse Joanna. Queres ficar só com Cesarina?... Ou viveres só aqui?... Escolhe.

Abri logo a bocca para exclamar: fico... aqui estou. Mas estas palavras expiraram-me na garganta. Quando eu dizia commigo: darei dinheiro ás pobres crianças de Cesarina... muito dinheiro, pareceu-me ver ante mim meu irmão, pallido, ensanguentado como na noite da tormenta, mas triste agora, contrafeito, e na sua exprobração, exclamar: Não foi isso só que me prometteste, Pedro! não é isso!

Immediatamente triumphei de mim mesmo, fiz um esforço que me deveria matar cem vezes, e com a voz trémula, mas firme, respondi:

— Minha mãe... jurei-o!

Depois, como ébrio, como louco, saí precipitadamente.

Todavia, no meu delirio, senti a mão de Maria tocar na minha, e a sua voz murmurar-me ao ouvido.

— Bem, Pedro, és um homem honrado!

Um anno inteiro repeti commigo esta palavra, que era a esperança, se não a promessa de que ella iria enternecer sua mãe para talvez achar meio de chegarmos a um accordo!

Dizia isto, mas evitava ver Maria. N'este tempo eramos ainda moços... e eu padecia immenso!

Para recobrar o valor, admirava meus filhos, abraçava-os, amava-os! Ai de mim! que só a elles podia eu então amar.

Algumas vezes, comtudo, tinha momentos em que sentia impulso de os repellir, como causadores dos meus pezares, e obstaculo invencivel á minha felicidade! Pobres crianças! afagava-os depois, e cumpria com o meu dever. Senhor, tenho a consciencia de o haver cumprido religiosamente, e meu irmão Cesario deve lá no ceo estar contente e bem commigo! Não é assim? não vos parece, senhor? vós mesmo o presenciastes. Para Cesarina, sou um irmão como não ha outro; para seus filhos, um verdadeiro pae!

Creio amal-os duplicadamente, porque são os filhos de Cesario, e a recordação incessante da minha eterna dor.

Mas voltemos aos primeiros dias seguintes áquelle em que saí espavorido de casa de Joanna, quando eu

ainda não tinha fallado outra vez a Maria. Como se passára um mez assim, não o sei eu dizer. Não tinha a consciencia do que fazia, estava como idiota. Entretanto o meu pobre coração começava a serenar, e a adormecer com o tempo.

De repente espalhou-se o boato de que Maria ia casar. Conheci então que a amava deveras! Procurei-a, e talvez ella tambem me procurasse. Esta reciproca necessidade de nos tornarmos a ver, fez com que nos encontrassemos uma tarde na estrada escabrosa de Trouville. Não foi mister que eu fallasse, houvera lido a minha pergunta nos meus olhos, á qual me respondeu que era verdade!

— Pedro, disse ella com vivacidade, sou a tua noiva sempre!... Em quanto não disseres: casa com Diogo, ficarei solteira. Mas é minha mãe que o ordena, e ella está velha e doente... Tenho talvez de cumprir um dever!

Escapou-me um grito de desesperação.

— Pedro! exclamou Maria soluçando, amo-te muito, não o pódes duvidar, e amar-te-hei sempre. Mas bem vês que por ti não posso deixar morrer minha mãe!

A estas palavras de affecto, não menos dolorosas que as minhas, deveria cair-lhe aos pés, consentir no que ella me pedia, e até dizer-lhe — resignação e coragem!

Mas não! estava fóra de mim! desabafava em asperas accusações, em odiosas ameaças, em transportes insensatos.

— Fazes mal, replicou affavelmente Maria, muito mal; mas não me escandalisarei, meu pobre Pedro, porque é o excesso do teu amor quem falla n'este momento. Tu recuperarás a razão, como espero, para me responderes melhor. Esperarei.

E deixou-me soluçando e pendido á beira da estrada.

X

Com effeito, no outro dia reflecti melhor. Não podendo casar com Maria, que direito tinha eu de lhe impedir o casamento com outrem, condemnar a filha á solidão, e a mãe á sepultura!

Por outro lado, vi bem que todos julgavam mal do meu procedimento. Os visinhos fugiam de mim, e olhavam-me com máus olhos; já me não estendiam a mão como d'antes. Chegaram a final a fallar de mim abertamente, uns por commiseração, outros pelo simples gosto de me desacreditarem.

— É cruel, Pedro... bem o sei, me disse um dia o decano dos pescadores. Mas que queres; já que passaste por esse trance, sê homem!

Outra vez, quando ia metter de ló o barco na praia, algumas mulheres disseram com segunda tenção:

— Joanna passou esta noite muito mal...

Até o meu moço, estando um pouco embriagado, quiz chasquear-me á socapa.

— Sois como o cão de quinta, patrão... se não comeis, não é razão para não deixardes comer os outros!

Mas eu não ousava, não queria, não podia ainda! Porém Cesarina intrometteu-se na conversação, dizendo:

— Só desempenharás fielmente a palavra que déste a teu irmão, e serás bom pae para meus filhos, quando fizeres com que Maria seja mulher de outro!

Foi isto, senhor, o que me decidiu, o que sorriu á minha dor. Ha momentos como estes na vida, em que o coração sangra com prazer, e em que á força de ter padecido, acha lenitivo em tudo que o martyrisa ainda mais. Não o esperava eu! Decidi-me logo a dar a Maria a liberdade!

Mas como havia de communicar-lhe a minha resolução? Vêl-a... fallar-lhe... não tinha forças para tanto!

Escrevâmos-lhe, disse commigo.

XI

Com este intento, comprei um caderno de papel de cartas, e fechei-me á chave no meu quarto.

Posto que soubesse apenas escrever, tantas coisas me affluiam confusamente á idéa, que a mão traçava com rapidez caracteres disformes em todas as paginas.

— Bem, bem! disse eu commigo. Não é tão difficil como julgava.

Mas quando reli aquellas rabiscas, vi, estupefacto, que não era o que eu queria, nem devia escrever. E não era ainda tudo!

Recomecei. Quatro paginas mais, e não expressavam ainda o meu pensamento, nem o meu dever.

Risquemos o que ha de mais, disse eu, e veremos o que fica.

Relendo-a, a cada phrase escripta me detinha reflectindo, e riscava o que me não convinha. A final risquei tudo, de maneira que de tantas paginas só me ficaram duas palavras: «casa com Diogo.» E, infelizmente, não era tudo quanto eu tinha a dizer-lhe?

Transcrevi pois este supremo adeus na terceira folha de papel.

Quanto tempo não levei a dobral-a, e a fechal-a! Depois, desci com a carta na mão. Estava escripta, mas ainda não entregue. Era o mais doloroso! Por quem a havia de mandar?

Exactamente passou um moço.

— Olá!... aqui tens dois soldos, e váe entregar esta carta á filha da senhora Joanna.

O moço, ligeiro como a gaivota que se arremessa ao peixe-rei, agarrou com uma das mãos o dinheiro, e ao mesmo tempo a carta com a outra.

Retirei ainda a mão em que a tinha, e onde desejava tel-a para sempre!...

(Continúa)

INTERIOR DE UMA CASA NA ABYSSINIA

No antecedente volume [1] referimos as diligencias feitas por D. João II e D. Manuel, a fim de estabelecerem paz e commercio com o Preste João, imperador da Ethiopia. Agora publicâmos a estampa do interior de uma casa n'aquelle quasi extincto imperio, com as noticias que recentemente tem divulgado os viajantes e missionarios sobre aquelle povo.

O sabio viajante Antonio de Albadia, n'uma carta escripta da Ethiopia a lord Clifford em agosto de 1852, pinta do seguinte modo o estado presente da Abyssinia.

«Este antigo imperio compõe-se de uma cordilheira de montanhas, separadas do resto da Africa por terras quentes, baixas e doentias. Se o viajante entra na Abyssinia pelo Egypto, chega primeiro á Nubia, região sem fronteiras, e quasi sem vegetação no estio, porque nenhum lavrador ahi cultiva campo fóra do estreito sulco regado pelo Nilo. Um deserto une a Nubia ao mar Roxo, e do lado do oéste outro deserto, mais horroroso ainda, se estende das margens do Nilo até aos extremos do Darfur, ligando-o quasi sem interrupção ao Sahára (ou grão deserto), cujas ultimas areias são banhadas pelo Atlantico. Do lado do sul, os desertos da Nubia vão desapparecendo á medida que nos aproximâmos dos suaves acclives que os unem ás terras montanhosas, por en-

[1] A pag. 221, 239, 255 e 347.

tre os quaes serpenteiam alguns riachos, que já mui agorentados se vão perder nas aguas do Nilo.

N'esta paragem, em que a vegetação abunda quasi todo o anno, ha grande povoação de elephantes, girafas, rhinocerontes, leões, e outros muitos animaes ferozes e domesticaveis. Reinam porém alli muitas febres perniciosas, que defendem a entrada da Abyssinia muito melhor que um numeroso exercito.

Do lado do norte e do oéste ninguem sabe onde começa a Abyssinia; ninguem tem marcado os limites dos ginjares, dos sinasás, das dalás, dos marás, dos agidés, e de outras muitas tribus, que sendo acaso de diversa linguagem, costumes e religião, vivem entre a Abyssinia e a Nubia insuladas pelas epidemias, pelas guerras e pelos sertões.

Pelo mar Roxo entra o viajante na Abyssinia em uma barca arabe, que o deitará no porto de Maçuá. Aqui será acolhido pelos moradores, gente amulatada, de beiços grossos e cabello revolto. Andam cobertos só com uma tanga de algodão, trazem lança, punhal, e um escudo de pelle de elephante.

Ainda que o clima de Maçuá seja sadio, e alli haja mais de um centenario, é o sitio mais quente do paiz. É impossivel ao europeu conservar a actividade physica, e a energia moral; por isso se apressa a deixar esta terra musulmana tão cheia de fraudes dos mercadores de escravos, e cujos habitantes passam o dia a abanar-se.

Atravessando o deserto, n'uma noite, chega-se á nascente do Haddas. Á medida que se sóbe este valle estreito e pedregoso, alarga-se o ribeiro. A prin-



Interior de uma casa na Abyssinia

cipio vê-se pouca relva, depois algumas arvores, e a final frondosas mattas lhe annunciam a frescura das montanhas. Já então não ouve o rugir do leão; aves desconhecidas gorgeiam por entre a ramagem, e numerosos bandos de macacos guincham estrepitosamente do alto das rochas. Sobe-se em caracol por meio de sarçaes floridos até á chapada da montanha abyssinia, povoada de arzes, arvores sempre verdes, similhantes ao cedro, cujos ramos, em continua agitação pelas brisas, parecem annunciar uma terra de Promissão.

E com effeito d'este ponto se avista grande parte da Ethiopia superior. Para o sul tudo é montes; mas para o lado do mar, em dia claro, descobre-se a vasta planicie de Ragad coberta por um lençol alvissimo de sal. As tradições d'aquella tribu, os saós, põe alli o sitio das cidades malditas que recusaram hospedagem aos anjos que procuravam Abrahão; e, talvez sem conhecerem a Biblia, referem por outros nomes a metamorphose da mulher de Loth.

De Ragad é que se extráe o sal, cortado á feição de uma pedra de amolar, paraservir de moeda em toda a Abyssinia.

Da beira d'esta chã da montanha, olhando para o oéste, verá o observador a seus pés oiteiros ermos, coroados de grandes camadas de cré, o que, de longe, lhes dá a apparencia dos arruinados castellos da Europa feudal. Mais abaixo prolonga-se o valle de Zahma, retiro dos leões, das pantheras, e dos que furtam crianças para vender. Este valle limita-se ao norte pelo rio Maral, que circulando o Saravé váe sumir-se na Nubia. Ao suéste do Zahma está o Agama, terra montanhosa e bravia. Ao longe vê-se a grande cordilheira dos montes de Abuná (feudo ou terra do Bispo); e se o tempo está claro, a vista poisa sobre as serras de Buahit e Dajan, que se erguem no Simen a mais de 4.800 metros acima do mar. Um ar sêcco, um sol vermelho e vaporoso, toldam este immenso quadro.

Eis a Abyssinia.

Conforme as tradições da Ethiopia, é do oéste que vieram as diversas raças que a tem successivamente occupado. A mais antiga é dos agaves; e ainda hoje pelas feições dos abexins, de cabello revolto, beiços grossos, quasi pretos, se conhece a raça agave. A esta pertenceram os primeiros reis da

Ethiopia. Depois dos agaves, os arabes tambem fizeram duas grandes migrações n'este paiz. Repellidos por estes novos conquistadores, os agaves desappareceram do centro da Abyssinia, indo formar pequenas nações, que ainda subsistem, na provincia do Vag; e muitos habitantes do Dambia e do Simen conservam as feições e a lingua agave.

Tambem se conservam ainda vestigios de uma religião antiga que outr'ora reuniu acaso os ethiopes. Acreditavam n'um só Deus, não tinham idolos, mas invocavam os genios bemfazejos ou anjos, cujos nomes ainda alli se ouvem. Depois do captiveiro de Babylonia, os judeus refugiados no Egypto foram indo até á Abyssinia, cujos reis abraçaram a lei de Moysés. Além das tradições ainda vivas, e das noticias contidas na historia dos seus reis, varios ritos, que actualmente observam, dão testimunho da antiga propagação da fé moysaica. Nos arredores de Gondar ha mais de dez mil judeus abexins, talvez descendentes dos primeiros vindos do Egypto. Entre os mais observantes christãos da Abyssinia se guarda ainda hoje o sabbado.

Foi pois no seio do judaismo que a Abyssinia, como Jerusalem, viu nascer os primeiros christãos. E, coisa notavel, de todas as regiões da Africa é esta a unica que tem conservado a religião christã. No Egypto, a maior parte dos habitantes abandonaram a fé catholica para comprazer aos musulmanos vencedores. Na Berberia, n'esta bella região que se estende desde Tripoli até Mogador, a agonia do christianismo prolonga-se ha seculos. A Abyssinia pelo contrario, depois de ter rejeitado altivamente as offertas do falso propheta Mahomet, sustentou no seculo XVI [1] contra o exercito ismaelita uma lucta desastrosa. Conquistada por força maior, e abandonada depois de ficar perdida para sempre, os abexins, pobres e despreziveis, consolam-se com serem ainda christãos.

Todavia, o islamismo, tão fraco e abatido na Europa, tem-se erguido de novo na Africa, e depois de haver attrahido aos seus dogmas as povoações barbaras e as semi-christãs que rodeiam a Abyssinia; depois de a ter segregado do resto da christandade, comprime cada vez mais aquella desgraçada terra, penetrando n'ella passo a passo. Muitas nações da Ethiopia estão hoje cercadas por um cordão de tribus barbaras, que ha annos lhes não deixam sequer chegar os echos do que se passa em Jerusalem, onde está o sepulchro do Homem-Deus, e em Roma, onde reside o vigario de Christo.

Monsenhor Massaia, missionario apostolico na Abyssinia, n'um relatorio dirigido d'aquella região ao conselho central das missões em França, dá as seguintes informações do estado actual d'aquelle antigo imperio, apontando os vestigios que alli existem ainda das egrejas e missões portuguezas nas terras do Preste João.

Maçuá (diz elle) primeiro porto da Abyssinia, é uma pessima ilheta, sujeita ao dominio turco. Foi um porto importante da costa do mar Roxo, nos dais florescentes do imperio abexim. Ainda se vê uma egreja de janellas gothicas, edificada pelos portuguezes, que hoje está transformada em mesquita. E o unico vestigio da religião christã n'este porto.

O antigo imperio abexim, depois da invasão dos gallas, está repartido em tres reinos: o de Taigré, onde reina Ubi [2]; o de Choá composto na maior parte de tribus gallas; e o de Gojam. Estes differentes estados estão sempre em guerra uns com os outros. Os novos dominadores da Ethiopia alta tem comtudo conservado uma sombra do antigo Neguz, a que os portuguezes chamaram Preste João. Este monarcha puramente nominal, e que tem a unica auctoridade de poder lançar um pequeno tributo sobre a manteiga que se exporta e consome, vive em Gondar, no palacio dos antigos imperadores da Ethiopia.

Posto que os christãos da Abyssinia professem o erro de Dioscoro condemnado no concilio de Calcedonia, muitos d'elles vivem em total ignorancia d'este ponto, e crêem que o seu bispo ou abuná, que lhes é enviado pelo patriarcha scismatico de Alexandria, está em communicação com o papa. Segundo as leis do paiz, não póde haver mais de um bispo em toda a Abyssinia, com pena de morte a quem usurpar este titulo. O actual abuná ou bispo, era um burriqueiro que andava tocando os jumentos que alugava. Um estrangeiro, que engraçou com elle, o levou a estudar ao Cairo, e dentro em pouco, achando-o o patriarcha assás instruido para o ministerio episcopal, ordenou-o, e mandou-o para a Abyssinia com alguns ministros anglicanos, os quaes foram depois expulsos pelo povo.

A cidade de Gondar, celebre na historia do imperio abexim, não é hoje mais que uma sombra da antiga capital do Neguz ou Preste João. Está situada n'uma formosa campina, cercada de virentes oiteiros, onde a vegetação pompêa ricamente. Pelas ruinas que se encontram antes de chegar á circumvalação actual, calcula-se que teria muitas legoas de comprimento. De todos os seus antigos monumentos, só resta o palacio imperial, edificado pelos portuguezes em 1542, quando foram auxiliar o imperador contra as tropas musulmanas. E uma especie de fortaleza flanqueada por quatro torres enormes: as salas interiores estão quasi a cair, mas assim mesmo servem para ostentação do soberano, tambem arruinado, que alli reside. Posto que os reis que o supplantaram sejam obrigados a fallar-lhe na humilde postura de vassallos, quando este simulacro de imperador lhes faz sombra, demittem-no e nomeam outro.

Saindo de Gondar para o deserto onde acampa o exercito de Ras Ali, um dos mais poderosos principes abexins, pois tem sempre em pé de guerra cem mil homens, é mister passar o Nilo no sitio em que ainda existe uma ponte construida pelos portuguezes, para evitar os perigos que d'antes havia n'aquella travessia, que era feita pelo modo seguinte.

Prendiam um cabo de uma a outra margem do rio, com sufficiente inclinação. Depois com outra corda formavam um laço de baloiço, onde se sentava o que havia de passar, deixando deslisar o baloiço pelo cabo que servia de ponte suspensa até ir parar á margem opposta. Era porém mui perigosa esta passagem aérea, por causa dos crocodilos que povoam aquelle rio, e que chegaram a tragar alguns passageiros. Ainda hoje, quando a ponte está coberta pelas enchentes do Nilo, se faz a passagem d'este modo. Um tenente da marinha franceza, mr. Petti, foi não ha muitos annos devorado pelos crocodilos, querendo por força atravessar o rio de baloiço.

Sobre o estado religioso da Abyssinia, presentemente, diz um capuchinho francez:

«A importancia da missão da Abyssinia depende menos do numero dos neophytos, uns dez mil, que da necessidade de manter ao catholicismo esta unica via de communicação com a Africa central. O islamismo guarda todas as costas d'este vasto continente, e um immenso cordão de povoações, constantemente excitadas pelos emissarios de Meca, prohibe toda a passagem dos christãos para o interior. Transposta esta barreira, encontram-se muitas tribus nómadas, que são as melhores de Africa, e que promettem bom fructo aos evangelisadores do christianismo e da civilisação, que lograrem a ventura de

[1] Com ajuda dos portuguezes, devia dizer.
[2] Vid. o que dissémos d'este reisête a pag. 221 do vol. 3.

chegar a ellas. Como a Abyssinia é hoje o unico ponto por onde essas tribus sejam communicaveis, fechada esta porta, ficára completamente cerrado o bloqueio feito pelos turcos. Tem estes grangeado ahi tantos proselytos, que dois terços dos habitantes são já mahometanos. Nas capitaes de Gondar, Tigré e Choá dominam elles pelo numero, pela riqueza e pela auctoridade. Todo o commercio está nas suas mãos, todos os cargos superiores lhes pertencem. Só o poder politico ainda não está de todo usurpado, porque a lei fundamental do paiz prescreve que os principes sejam christãos.

Um dos meios de que se servem os prégadores do alcorão, é propalarem no interior d'Africa que todo o universo é mahometano, e que não ha hoje nenhum rei ou imperador que não seja tributario ao sultão!

LUXO DA CRIADAGEM DOS ANTIGOS DUQUES DE BRAGANÇA

No antecedente numero apontou o nosso antigo amigo e collaborador, o sr. Vilhena Barbosa, algumas possessões da antiga casa de Bragança, para prova da sua incomparavel opulencia e fausto.

Para corroborar esta assertiva, vamos dar relação da pompa com que o duque D. Theodosio vestiu a sua criadagem para as festas do casamento que celebrou com a filha do condestavel de Castella, em 1603.

E tirada do autographo, escripto n'aquelle mesmo anno por um Antonio Gomes, criado da casa. Julgâmol-o inédito, e pertence á collecção do nosso amigo e parente Julio Caldas, que já nos tem facultado outros inéditos, que, sob o titulo de *Antiguidades Nacionaes*, havemos extractado n'este jornal.

Esta curiosa relação tem de mais o valor de ser prestavel aos pintores de costumes nacionaes, aos auctores de romances historicos, e para se vestirem com rigor os personagens dramaticos, porque o trajo portuguez d'aquelle pomposo seculo, tanto dos nobres como dos plebeus, está aqui mui particularisado.

CAPITULO IX

Das librés que deu o duque

«O duque deu libré a sete moços fidalgos; a dez moços da sua camara; a vinte e quatro moços da camara da senhora duqueza; a quatorze reposteiros; a dois capellães que lhe benzem a mesa; a dez moços da capella; a seis musicos da camara; a um porteiro da sua camara; a outro porteiro da camara da senhora duqueza; a dois arautos e passavantes; a dois varredeiros; a oito charamellas; a oito trombetas; a tres trombetas bastardas; a oito negros que tangem os atabales; a vinte e quatro moços da estribeira; a seis porteiros da canna.

Deu mais para quando foi á raia (buscar a duqueza) aos seguintes: A dois estribeiros, um de brida e outro de gineta; a dois cocheiros do seu coche; a seis cocheiros dos outros coches; a seis moços de coche; a vinte e quatro homens da guarda; a quatro cozinheiros; a quatro moços da cozinha; a um liteireiro; a um negro da liteira; a cinco besteiros e caçadores, e a um chocarreiro.

Aos moços fidalgos se deram calças de obra, com os brancos de veludo roxo variado, e guarnição de morenilhos de prata sobre posturas de setim roxo picadas, com entreforros de tela de prata; meias de seda brancas, sapatos de veludo branco golpeados, guarnecidos de morenilhos de prata; jubões de tela de prata; coiras de golpes com a obra conforme á das calças; cintos de veludo negro, guarnecidos de morenilhos de oiro com ferros doirados; bohemios de setim preto, com guarnição por fóra de faxas e morenilhos, forrados de tela branca; gorras de veludo negro com tranças guarnecidas de oiro, e plumas brancas, com garçotas.

Aos moços da camara da guarda-roupa, calças de boa guarnição, assentada sobre veludo roxo variado, e as guarnições sobre pestanas de setim amarello, e os morenilhos roxos e brancos, com entreforros de setim imprensado roxo; meias de seda roxa; sapatos de veludo roxo golpeados, e perfilados de retroz roxo; mangas de setim roxo imprensado, coalhadas de morenilhos de retroz roxo e branco; roupetas de setim imprensado com faxas de veludo variado, e pestanas de setim pela borda, com morenilhos; cintos de veludo com ferros doirados; capas de raxa de Florença, guarnecidas de setim negro imprensado; gorras de veludo negro com tranças bordadas, e plumas brancas, roxas, e amarellas, com suas garçotas; espadas doiradas guarnecidas de veludo.

Ao guarda-roupa e moço da guarda-roupa, vestidos negros, e calças de obra; meias de seda, sapatos de veludo roxo, jubões de setim, roupetas de veludo guarnecidas, capas de roxo tambem guarnecidas, gorras de veludo com touquilhas e plumas; espadas doiradas.

Aos moços da camara, calças de obra com passamanes roxos e brancos, sobre pestanas de setim amarello; entreforros de setim amarello; meias de seda amarella; sapatos de veludo amarello perfilados de retroz; mangas de setim amarello imprensado, coalhadas de morenilhos de retroz roxo e branco; roupetas de veludo negro guarnecidas todas de passamanes negros a farpão; cintos de veludo negro com ferros doirados; capas de raxa, por dentro de setim imprensado; gorras de veludo negro com tranças bordadas; plumas brancas, roxas e amarellas, com suas garçotas.

Aos reposteiros, calças de panno fino roxo, com passamanes pelas bordas dos golpes; entremeios de seda roxa e amarella, entreforros de tafetá amarello, com meias de lã amarellas de Inglaterra, sapatos brancos, jubões de ollanda de Italia raxada, das côres da libré; roupetas e ferragoulos de vintedozeno fino; cintos negros pespontados das côres da libré, com ferragem doirada; chapeos negros com tranças de setim, e caireis das côres com plumas roxas, brancas e amarellas.

Aos capellães que benzem a mesa, sotainas, manteos e barretes de raxa de Florença.

Aos moços da capella, vestidos de vintedozeno.

Aos musicos da camara, calções de veludo lavrado, meias e sapatos negros, roupetas de raxa, ferragoulos de vintedozeno, chapeos negros com véos.

Ao porteiro da camara do duque, e ao porteiro da camara da senhora duqueza, calças de tecidos negros com entreforros de setim, meias de seda, sapatos negros, roupetas de veludo lavrado, gorras de veludo negro com touquilhas de véo; capas de raxa.

Aos dois arautos e passavantes, calções de veludo lavrado, roupetas e ferragoulos de vintedozeno fino, chapeos e cintos negros.

Aos trombetas, calções e pelotes de panno roxo, e capotes abertos do mesmo, tudo guarnecido com bandas amarellas, e pestanas brancas, botas brancas, cintos atamarados, chapeos negros com caireis das côres, e plumas, e nas trombetas bandeiras de damasco amarello e roxo, com as armas do duque em ambas as partes.

Aos negros dos atabales, vestidos da mesma maneira que aos trombetas.

Aos trombetas bastardos, calções de Londres roxo,

apassamanados, pelotes de veludo roxo guarnecidos todos de passamanes de prata finos; ferragoulos de Londres roxos, chapeos conformes, com plumas das côres, espadas doiradas.

Aos seis porteiros da cana, vestidos inteiros de vinteno, e o mesmo aos varredeiros.

Aos charamelas, calções, roupetas e capas abertas pelas ilhargas de panno roxo fino, e as capas guarnecidas com bandas de setim amarello, mangas do mesmo setim, meias amarellas, sapatos brancos, chapeos negros com tranças das côres, plumas, e cintos de coiro atamarado, pespontados com retroz roxo, e ferros prateados.

Aos moços da estribeira se deram dois vestuarios; o da rua eram calças de panno roxo com passamanes pelas ilhargas de seda amarella, entreforros de tafetá, canhões de setim amarello, meias curtas de lã amarellas de Inglaterra, sapatos brancos, ligas de tafetá roxo e branco, jubões de olanda raxada de roxo fino, guarnecidos a dois passamanes conformes aos das calças, cintos e talabartes e bainhas atamaradas, espadas e adagas doiradas, chapeos pretos, com tranças das côres da libré, e plumas. O de caminho eram calções e roupetas de Londres verdes, guarnecido tudo de passamanes de seda verde, meias de lã verdes, sapatos negros de vaqueta, murcetas de feltro branco, com os collarinhos de veludo roxo.

Aos dois estribeiros, um de brida e outro de gineta, para irem á raia com o duque, vestidos de veludo roxo variado, com mangas de setim roxo, ferragoulos de chamalote roxo forrados de tafetá, chapeos de tafetá forrados por dentro e por fóra, espadas doiradas.

Aos dois cocheiros do coche do duque, calções de Londres roxo apassamanados, jubões de olanda de Italia raxada das côres; vaqueiros de veludo carmesim guarnecidos todos de passamanes de oiro fino, chapeos do mesmo veludo guarnecidos dos mesmos passamanes, com plumas das côres; espadas doiradas, com bainhas do mesmo veludo.

Aos cocheiros dos outros coches, calções e vaqueiros de Londres roxo, tudo apassamanado de passamanes de retroz amarello e roxo; meias da mesma côr, botas de vacca para o caminho, chapeos com suas plumas.

Aos moços dos coches, vestidos inteiros de panno roxo, e o mesmo aos moços dos cavallos, que eram muitos.

Aos cozinheiros, e seus moços, vestidos inteiros de panno roxo.

Ao liteireiro calções e roupeta de veludo carmesim, todo apassamanado de passamanes de oiro, chapeo do mesmo veludo, com os mesmos passamanes, e plumas das côres.

Ao moço da liteira, e um negro da liteira, calções e roupetas de panno roxo, apassamanado tudo de passamanes de seda roxa e amarella.

Ao armeiro que assistiu no torneio, vestido de veludo roxo, mangas de setim roxo, ferragoulo de roxo.

Ao chocarreiro, calças de veludo roxo variado, guarnecidos os golpes de passamanes das côres, entreforros de setim amarello, meias de seda amarellas, roupeta de veludo lavrado, capa de raxa, gorra de veludo.

Aos besteiros e caçadores de cavallo, vestidos inteiros de Londres verde.»

VASO GREGO

A ceramica, ou arte de fabricar a loiça entre os gregos, chegou a tal ponto de perfeição, que ainda até hoje nem a fabrica real de Sévres conseguiu egualar taes primores.

Muitos antiquarios se tem dedicado a decifrar os multiplicados emblemas pintados e esculpidos nos vasos gregos e romanos; e nomeadamente Witte e Lenormant, que publicaram sobre estes estudos uma excellente obra intitulada: *L'élite des monuments Ceramographiques,* com magnificas estampas abertas em madeira.

A esta preciosa collecção pertence o vaso grego a que se refere este artiguinho.

É de argila mui fina, e todas as figuras amarellas sobre fundo negro. Representa Athenéa, ou Minerva, deusa de Athenas, sentada, e na postura que lhe deu o esculptor Endoeus na acropolis de Athenas. Reconhece-se logo esta divindade pelo capacete e escudo. O escabéllo em que está sentada tem o feitio de ara. Na mão direita tem um espelho a que se está mirando; duas servas, uma adiante, e outra atraz, lhe apresentam uns cofres de perfumarias.



Vaso grego

Ordinariamente costumam figurar esta divindade sem grandes atavios; os artistas desenham-n'a ora prestes a combater, ora terrivel e ameaçadora, enristando a lança contra os inimigos dos deuses. N'um dia só nos dizem os mythologos que Athenéa se enfeitou para agradar; foi quando ella compareceu perante Páris com as suas rivaes na belleza, Juno e Venus. Naturalmente a pintura d'este vaso representa-nos esta deusa no acto de se preparar para a lucta em que foi vencida, com armas de maior poder sobre o coração do homem, que o capacete alado e o escudo de Pallas. A bocca do vaso está cercada de folhas de oliveira. Esta arvore era consagrada a Minerva; e Homero no hymno feito a Hestia diz que os cabellos da deusa distillavam oleo: «sempre teus cabellos estillam unctuoso liquor.»

Este vaso conserva-se intacto no museu imperial de Vienna d'Austria.

Na casa dos duques de Palmella deve existir um vaso similhante, que foi comprado pelo duque velho no leilão do espolio da marqueza de Niza D. Eugenia.